

Creio na ciência e na paz; creio que triunfarão contra a ignorância e contra a guerra; e creio, por isso mesmo, que o futuro há de pertencer aos benfeitores da humanidade.

PASTEUR

ANO V — N.º 107

MARÇO

3

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz do Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

Ligações rápidas e directas Lisboa-Algarve?

Quando no dia 26 estávamos fóra de Loulé, foi-nos telefonicamente, comunicado do escritório o texto do seguinte telegrama:

«Prazer informar amigo deve passar aí hoje 26, cerca 12.30 primeira automotora experimental ligação directa Lisboa - Algarve. Segue Director C. P. e outras entidades que acompanho. Conveniente perguntar estação hora chegada. Abraços. (a) Neves Franco.»

Sentimos ganas de responder — só vendo! Afinal vimos.

A passagem da automotora forçou-nos a uma paragem nas cancelas das Fontainhas quando tentávamos, num «record» de velocidade, conseguir a verificação do facto na estação de Loulé e aí receber *in vivo*, o abraço de Neves Franco que, nesse dia deve ter sentido, com os algarvios, chegada a hora do triunfo na luta há tanto tempo aberta com Sua Omnipotência a C. P.!

Dois factos importantes se deram no mundo no dia 26 de Fevereiro de este ano da graça de 1957 — a 1.ª travessia directa Lisboa - Algarve, com vista a estabelecer uma carreira diária e a 1.ª viagem regular com passagem pelo Polo Norte!

Estamos esperançados em que a experiência tenha satisfeito a C. P., se bem que ela já devia saber, por excursões que tem feito, que a coisa é inteiramente possível.

Vimos já há dias anunciado um passeio ao Algar-

(Continuação na 4.ª página)

A propósito de Poesia

(CONCLUSÃO)

DEFINIR é indicar, estabelecer ou determinar o limite; assim a definição perfeita não contém, nem mais nem menos do que se deve enunciar.

Os objectos que designamos por «substantivo concreto» — meza, cadeira, copo, manta, etc., — definem-se com facilidade porque o seu limite é a condição da sua própria existência; são objectos que existem pelo seu próprio limite, isto é, sem qualquer relação que os subordine a outros.

Podemos representá-los graficamente por uma imagem — e a cadeira será sempre uma cadeira, ainda que ninguém suspeite da sua existência.

Mas isto já não acontece com os objectos que designamos por «substantivo abstracto» — altura, alvura, maldade,

Por A. Santa Clara

perfeição, etc. — que só existem na medida em que o indivíduo os percebe. Estes objectos são, por natureza, indefinidos, visto que dependem duma relação entre objecto e sujeito; tem, cada um, o seu adjectivo correspondente, não podem ser representados por imagem, e o que os caracteriza é a sua intensidade variável; têm um valor — e para o terem é necessário que haja alguém que os valorize; a relação é, portanto, a condição «sine qua non» da sua existência.

Ora este arrazoado tem dois propósitos: Primeiro, mostrar que, em rigor, Poesia não se define e, portanto, quando atrás a identifiquei com Originalidade, não pretendi definir, como aliás já foi dito, mas sim apontar a condição sem a qual entendo não haver Poesia. Segundo: mostrar que

(Continuação na 3.ª página)

Apropósitos

Outra vez D. Quixote

DESCULPE o leitor que outra vez lhe volte a falar no «Cavaleiro da triste figura». Mas as circunstâncias mandam mais do que nós; e são elas que me fazem trazer de novo a esta conversa escrita o tema sempre prodigiosa mente simpático do *engenho so fidalgo* da Mancha, de que Miguel Cervantes escreveu as aventuras sem igual.

E' o caso que precisamente recebi há dias o número 3 de um mensário literário que, em Évora se publica, com este lindo nome de *Dom Quixote*. A escolha de tal patrono para um jornal literário é, nos tempos que correm, não menos simbólica do que a obra-prima da literatura espanhola. Parece querer dizer-nos que os amigos das letras e das artes e os que as cultivam, somos

(Continuação na 4.ª página)

Santuário de Nossa Senhora da Piedade

NOTICIAMOS há tempo ter sido aberto concurso para o ante-projecto da construção do Santuário que substituirá a ermida de Nossa Senhora da Piedade, na colina fronteira a esta vila. Damos agora conta do resultado.

O júri, constituído pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e José Maya Santos, em representação do «Movimento de Renovação de Arte Religiosa», a que o primeiro preside e Nuno Soares Cabeçadas, como representante da Câmara Municipal de Loulé; Engenheiro Alberto Pessanha Viegas, Director dos Serviços de Urbanização de Faro e, como membros consultivos, os Rev.ªs Padres Joaquim da Palma Viegas e Manuel Vitorino Correia, reuniu nos passados dias 21 e 22, sob a presidência de Sua Ex. Rev.ª o Senhor Bispo do Algarve para apreciar os ante-projectos dos 8 concorrentes.

Os trabalhos foram apresentados sob anonimato e só depois de classificados este foi quebrado.

Em primeira apreciação foram eliminados quatro e dos quatro restantes nenhum mereceu ser escolhido para ser executado, embora o júri tivesse reconhecido que não deixavam de ter mérito.

Os quatro trabalhos classificados foram respectivamente e pela ordem de apreciação relativa, do arquitecto Nereus Fernandes, em colaboração com o eng.º Mário Rodrigues; arquitecto Mateus Júnior, todos de Lisboa; arquitecto Manuel Gomes da Costa, de Fa-

ro e eng.º Mário da Cruz Ramos, de Lisboa.

Os trabalhos estão expostos ao público em Faro, no Paço Episcopal, até 10 do corrente, das 15 às 19 horas dos dias úteis e julgamos ser penoso o nosso Venerando Prelado expô-los também nesta vila.

Também já os apreciamos e parece-nos que o júri merecerá o aplauso geral por não ter concedido a nenhum dos ante-projectos a honra de ser executado.

Parece-nos que um templo — materialização de uma Igreja

(Continuação na 4.ª página)

D. C. T. em Loulé

Sob a presidência do Sr. Tenente-Coronel Manuel Madeira Junior, prestigioso comandante distrital da Legião Portuguesa e dos Serviços distritais da Defesa Civil do Território, teve lugar no passado dia 1, no Salão da Câmara Municipal, a sessão de abertura do curso básico da D. C. T. nesta vila.

Na mesa sentaram-se os srs: José João Ascensão Pablos, Vice-Presidente do Município; Dr. Abreu e Silva, professor de curso D. C. T.; Capitão José dos Santos Custódio, Chefe da Repartição da D. C. T.; Dr. Aires de Lemos Tavares, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Eng.º Neves Pereira, instrutor geral da D. C. T. e professor Araújo, também instrutor geral.

Usaram da palavra os srs. Tenente Coronel Madeira e eng.º Neves Pereira, que explicaram as razões e fins da D. C. T. ficando a 1.ª lição marcada para o próximo dia 8, pelas 21 horas na antiga Escola do Conde de Ferreira, nesta vila.

A sessão foi bastante concorrida e espera-se que, a bem da defesa própria e da vida da Nação em caso de emergência grave, seja numerosa a inscrição no curso.

O «Diário Ilustrado» e o Algarve

SATISFAZENDO o prometido — e prometido espontaneamente — aquele nosso colega diário voltou a falar de nós, desta encantadora província, chamando para ela a atenção dos seus leitores.

Assim, no dia 22 de Fevereiro findo, pela pena de T. A., depois de um introito encomiástico às belezas do Algarve e às suas lendas, com referências ao clima, à hospitalidade da

sua gente, ao coquejo do atum, à beleza típica dos almanxares, às conservas, aos perceves de Aljezur, às ameijoas de Alvor, ao castelo de Alcoutim e às mouras da Fonte da Cássima, de Loulé, às chaminés e ao corridinho [que os algarvios *americanizados*, sambados, bañados, e quase *rockandrolados*, para vergonha sua já não sabem dançar...] escreve o que, com vênica transcreveremos no próximo número, por impossibilidade de o fazermos neste.

No dia 26, também em destacado local, este nosso estimado colega se referia largamente às deficientes ligações ferroviárias entre Lisboa e o Algarve. Agradecemos.

Comboios, camionetas e serviços combinados

DA Empresa de Viação Algarve Lda, recebemos uma carta em que, a propósito de uma local, subordinada ao título acima, pretende esclarecer que as importâncias pagas pelo transporte de um volume de laranjas de Monchique para Loulé, correspondem exactamente às fixadas nas tabelas legais.

Devemos esclarecer que não se pretendeu criticar ridicularizar ou inferiorizar o serviço da EVA que, justo é reconhecê-lo, constitui um benefício para Loulé, terra que vive longe do Caminho de Ferro e que muito deve às carreiras daquela Empresa, embora devamos concordar que se não fosse esta, outra seria.

O que ao nosso reclamante pareceu injusto foi o facto de a encomenda ter sido despachada pelo Caminho de Ferro de Portimão para Loulé-Central, o que dava a entender que na taxa aplicada no Caminho de Ferro já estava incluída a despesa do percurso de Loulé-estação e Loulé-Vila.

Por isso estranhou que lhe fosse aplicada a verba de 5550 por este percurso, que era de crer, se devia achar nas taxas fixadas do Caminho de Ferro, visto o despachante ter posto a expressão Loulé-Central.

E caso para perguntar: Se o frete tivesse sido pago em Portimão, o consignatário ainda teria de pagar os 5550?

Subdelegação de Saúde do Concelho de Loulé

Tosse Convulsa

Sendo do conhecimento desta Subdelegação que surgiram alguns casos de tosse convulsa no concelho, convidam-se os pais a terem os seus filhos vacinados contra esta doença, a fim de se evitar a propagação do mal.

Nesta Subdelegação, e com o assentimento dos pais, vacinam-se **Gratuitamente** todas as crianças, dos 2 meses e meio aos 8 anos de idade, em todos os dias úteis, das 14.30 às 17.00 horas.

O Subdelegado de Saúde Privativo

Anibal Cupertino Martins
Costa



51 anos de tradição

Começam hoje os grandes festejos de Loulé



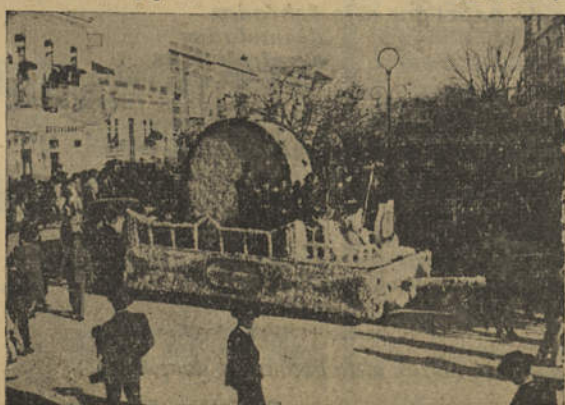
A notável Vila de Loulé, está alindada e ornamentada para receber os milhares de forasteiros que, atraídos pela fama das suas festas, se deslocam hoje, amanhã e depois para presenciar o magnífico espectáculo do seu carnaval.

Dos 40 carros alegóricos, que esta tarde vão desfilar pela excelente Avenida onde se realizam as famosas Batalhas de Flores, alguns vão causar sensação pelo ineditismo da sua concepção.

Trata-se dum acontecimento merecedor dos melhores esforços e canceiras para nome da terra e das festas que a têm consagrado. A popularidade e a fama do empreendimento, merece e exige todos os esforços, não só da Comissão como de toda a população do concelho.

Seja quem for que sinta vivo orgulho pelas coisas da sua terra, todos aqueles que se considerem louletanos de eleição, não se podem alhear dum

(Continuação na 4.ª página)



PROGRAMA DOS FESTEJOS

DOMINGO

I — Abertura das festas por bandas de música.

II — Leitura da Proclamação Real.

III — Início das **batalhas de flores**, do Corso Carnavalesco e desfile de gigantes e cabeçudos.

IV — Exibição de ranchos Folclóricos e grupos de Estudantinas do Algarve, com a participação especial do Grupo de Dança **Educacion y Descanso**, de Espanha.

V — IV concurso de **piropos**.

SEGUNDA-FEIRA

I — **Batalhas de Flores de Loulé**, constituídas por 40 carros alegóricos.

II — 2.ª exibição do ex-

traordinário Grupo de Danças **Educacion y Descanso** de Andaluzia.

III — Continuação do IV Concurso de Piropos.

IV — Eleição dos «Príncipes da Folia, do Carnaval de 1957.

TERÇA-FEIRA

I — Vistoso desfile carnavalesco para encerramento da ultima e da mais movimentada **Batalha de Flores**.

II — 3.ª apresentação do consagrado Grupo de Danças **Educacion y Descanso**, de Huelva, na sua ultima e gentil exibição.

III — Classificação do IV concurso de **piropos**.

IV — Eleição da **Rainha do Carnaval** de 1957.

ANO I
N.º 9
3 MARÇO
1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

Entrevista

com a Sr.^a Dr.^a D. Maria
Beatriz C. Serpa Branco



A Maria Rosa Colaço esqueceu-se da legenda... Será necessária realmente uma legenda?...

por estas coisas, mais vontade nos deram e assim surgiu o advento desta entrevista, nascida entre um intervalo de trabalho e um sorriso simpático que nos atendeu.

— Pessoalmente, como encara o ballet na formação infantil?
— O ballet, ou, de modo mais vasto, toda a dança de autêntico valor estético, desempenha um papel decisivo na formação integral da criança. Mas para ser completamente aproveitado o seu valor educativo, não deverá o ballet, em nossa opinião, ser praticado sem uma prévia iniciação de carácter rítmico e musical.

A rítmica de Dalcroze, por exemplo, o canto e a familiarização da criança com a boa música, através do seu contacto com as obras dos grandes compositores que lhe sejam acessíveis, constituem a preparação indispensável à prática do bailado. A técnica do ballet revela-se difícil e morosa. Para que o desencorajamento não surja, a criança precisa portanto, antes de mais, de sentir e viver a música. Isso a ajudará a vencer todos os obstáculos.

— Teremos algum fundamento, mais que a esperança, para confiar na educação da sensibilidade das novas gerações?

— O fundamento dessa confiança está na própria experiência pedagógica e humana.

A cultura da afectividade tem como consequência um desenvolvimento equilibrado da criança, desenvolvimento que se torna garantia de uma mais perfeita integração do indivíduo no meio.

A criança em quem se cria o hábito de vibrar com a beleza das coisas naturais ou de criação humana, a quem se abre os olhos para a simpatia, a compreensão e até a compaixão pelos que sofrem (incluindo os animais, por exemplo), não oferecerá mais garantias para a paz e o progresso da sociedade, que outra em quem só o intelecto ou a acção foram desenvolvidos?

— Qual seria, em sua opinião, a repercussão da aprendizagem da música e dança rítmica, mesmo só a partir da idade escolar?

— Os cinco primeiros anos de vida são fundamentais, segundo os modernos psicologistas, para o estabelecimento das linhas gerais do carácter. Daqui a necessidade dos cuidados educativos na infância. Mas iremos concluir que não valerá a pena começar qualquer coisa depois dessa idade?

É sempre tempo para remediar o que está mal ou completar o que é deficiente.

Não só a partir da idade escolar, portanto, mas até na idade adulta a educação integral, e, no caso proposto, a aprendizagem da música e da dança rítmica podem dar os seus frutos.

Os resultados de uma tal educação artística, embora tardia, trazem sempre como repercussão um aumento de felicidade para o indivíduo e uma elevação do nível cultural. E nem uma coisa nem outra são para desprezar...

— Surpreendeu-nos agradavelmente o nome da Senhora Doutora, no jornal de Loulé. E pensamos nestas perguntas:

Acha bem a organização que o Casimiro de Brito está dando a Prisma?

— Uma coisa que agrada nessa organização é o convite para colaborar. E parece-me que ao lado desse franco convite não deixa de estar presente um sério critério na publicação dos originais. Desse modo, o Casimiro de Brito conseguirá alcançar para Prisma a sinceridade e a qualidade que interessam à verdadeira cultura.

— O que pensa da nossa Página Literária?

— Posso dizer, por minha parte, que Prisma me surpreendeu agradavelmente no jornal da minha terra.

Paralelamente a outros jornais da Província, «A Voz de Loulé» vem acompanhando uma louvável orientação educativa e estética.

Pela renovação de interesses e alargamento de perspectivas que representa, Prisma vem integrar-se na mesma tendência com juvenil entusiasmo.

— E das possibilidades dos seus colaboradores?

— Bastará citar (para me referir apenas aos melhores que conheço) o próprio Casimiro de Brito, Miguel Serrano—cujo «Contarelo» só por si é já uma realidade literária— e Maria Rosa Colaço, para se ter o direito de pedir-lhes que continuem.

Outros, a seu exemplo, conseguirão encontrar-se a si próprios, numa obra que vale a pena.

Obrigada, senhora Doutora!

«Prisma» agradece e espera, na verdade, CONTINUAR!

Maria Rosa Colaço

LIVROS E AUTORES

Cérebro e coração em luta

Romance de Fernando Henriques Vaz

O autor avisa-nos no seu Intróito de que «Cérebro e Coração em Luta» se trata do seu «primeiro romance e o último também, concerteza», para nos acrescentar a seguir que apesar de ser pura ficção, quantos personagens nele idos encontrar quantos fui buscar à Vida. Nota-se de facto que se trata do primeiro romance do escritor, mas é um pouco mais difícil encontrarmos na Vida personagens como esta Natália, como este Rodrigo, como este velho Tio Cristó—ou melhor, encontram-se na Vida, mas haveria grande dificuldade em arrancá-la da sua órbita se apenas tivéssemos como elementos os apontados pelo escritor.

De facto são personagens que poderiam viver o seu papel nesta comédia ou tragédia (como quizerem, conforme a perspectiva) que é a Vida. Mas não faltará qualquer coisa neste romance? O autor conta-nos uma história sem conseguir interessar-nos na sua história. Fala-nos de Rodrigo, de Julieta, de Natália, através destas duzentas e tal páginas, mas não conseguimos edificar, um pequeno esboço que seja, de qualquer dos seus heróis.

Nota-se uma necessidade de aprofundamento nos traços psicológicos e fisiológicos nos personagens deste Cérebro e coração em luta. O argumento parece-me susceptível de resultar de facto num romance interessante. Neste caso, porém, não resultou um romance interessante...

O que não impede que salientemos a simplicidade de exposição evidenciada pelo autor—que daria óptimos resultados se o campo explorado tivesse sido mais vasto ou melhor acarinhado.

No entanto, considerando que este livro nasceu do desejo de um grupo de amigos do autor, concordemos que realmente valeu a pena, sem nos preocuparmos com exigências estéticas demasiado petulantemente...

C. B.

Sarsório Carnavalesco

Multiplicam-se no ar risos de verdade
multicormente francos
na sua variedade consciente
Saltam para as ruas as almas
porque os corpos — posição ou na escala social
morrem por momentos

é o intervalo entre dois

dos muitos actos desta peça
polvêda nas suas multiplicações e mentiras
quotidianas
É o Carnaval...

Todos e cada um apertam nos dedos a bitola
a verdadeira bitola
da sua realidade interior
Todos e cada um desenham-se ao espelho
com as tintas naturais e livres
da poeira dos séculos
num continuar de preconceitos
Todos e cada um procuram na rua o seu lugar
e realizam-no com o seu passo
e não com o passo convencionado

É o Carnaval...

Nas grades do tempo e do espaço
nasceu uma lima salvadora
e os homens esquecidos do seu número nas costas
passavam eles mesmos
esboçando as novas passadas
nos caminhos diversos que falta percorrer

É o Carnaval
melécula de vida verdadeira
a plantar meninos no coração dos homens...

Casimiro de Brito

Um poema

de Lita Fernandes Ferreira

Saudade
nos caminhos
que esquivo em passos tristes

Sobre as ruas manchadas,
nos olhos desenvolve-se
uma fome mediterrânea
como uma linha redonda de aço,
saudade,
a boca apertada em imagens
sabe os teus segredos
sem palavras,
com rios,
mar, azul,
pura efervescência de céus
marítimos,
peixes, prata salgada
florecida
no suor do pescador
flexível como a onda.

Oh! esta dor
de palavras estranhas,
limadas com esforço...

Buenos Aires

A SOMBRA

Ao Poeta Costa Mendes

Na casa dum poeta
brota a Poesia por to los os cantos.

É poética a negra cancela de porte magestoso
a gritar um prefácio de ideologias
que adentro lá dentro, para lá da porta-porta,
onde o mundo continua, embora a órbita
tenha diferentes características.

Saem poemas dos olhos vagos de negros em capas de revistas
e nas moluras de vista castanha
há vida a querer fugir dos ângulos marcados
em expansões de arte que vibra
numa ânsia de um sol para to los, de boa vontade.

Não é já o ar do ar que respiro.

Não é numa poltrona de existência verde que estou sentado.

Não é um brilho natural que me foge dos olhos.

Vão são mil folhas de papel que vejo dobradas
desnudas
desvirginadas
numa dádria vulgar
de caracteres inventados.

Eu já não sou eu

Porque me esqueço que existo.

É a Poesia a Poesia, a envolver o mundo
e a dar-lhe novas fisionomias
e novas mãos às mãos ansiosas.
É a Poesia, o Poeta, a cultivar transparências
e a plantar irreais inconstâncias
no quotidiano dos homens

É a sombra
a deambular nas paredes vagas e de brancura suspeita...

Casimiro de Brito

O sr. Eng. Sarrico Picado fala-nos da Arquitectura Moderna

É vulgar ouvir-se enaltecer as belezas de qualquer obra arquitectónica do passado, ou compará-la com algumas das poucas obras do presente. É vulgar crer-se que os monumentos legados por idades anteriores a nós, estão em plano nitidamente superior daqueles que actualmente se constroem. A ignorância do que seja a Arquitectura, aliada ao preconceito, não permitem pensar de forma diferente.

Se porém dermos uma vista de olhos sobre o passado seremos levados a concluir que todos os monumentos e habitações, sejam quais forem as suas épocas ou latitudes, jamais foram unicamente fruto da imaginação dos arquitectos ou construtores, mas sim consequência imediata de necessidades humanas, sejam elas de ordem social ou económica, de ordem espiritual ou material. Veremos que em cada período histórico a existência de necessidades comuns em povos por vezes diversos, originou critérios de solução perfeitamente idênticos. Sobretudo notaremos como a Arquitectura evoluiu, caminhou a par com a Humanidade. Ou não fôsse a Arquitectura, em cada período de história, a mais perfeita simbiose das preocupações estéticas e das mais recentes aquisições da técnica. Ou não fôsse com Ela que se tentaram traduzir as aspirações, a cultura, a vida dos povos.

Se não, como justificar que os gregos construíssem o Partenon? Para quê tantas e tão grossas colunas? Sem conhecerem outra maneira de vencer vãos entre colunas que não a arquivela ligando os capitais, a construção teria que ser necessariamente pesada. Daí a necessidade de colunas grossas e abundantes. Necessidade portanto, e não fantasia de artista.

Por que teriam os romanos construído o Coliseu em diversos andares? Necessariamente para poderem conseguir uma maior visibilidade para grandes multidões de espectadores. Poderiam porém tê-lo feito se, como os gregos, não conhecessem a técnica do arco? Que volumes monstruosos de alvenaria, que maciços inestéticos daí resultariam! Mas conheceram a técnica do arco. Daí que, com materiais mais fracos, mais leves e de dimensões reduzidas—o tejo foi por eles muito usado—conseguissem realizar um estilo diferente, embora com certos elementos de inspiração helénica.

Por que terão as igrejas românicas aquele aspecto, com paredes pesadas, aberturas reduzidas, gigantes e potentes? Não foram elas construídas na Idade Média, época de fronteiras movédis, de ataques quase continuos entre senhores e povos rivais? A par do castelo, da fortaleza, a igreja representava ainda um abrigo para as populações. Cargas pesadas, transmitidas pelas coberturas, exigem paredes espessas; a defesa do inimigo, preconiza pequenas aberturas; o próprio peso das paredes, e coberturas, a altura das primeiras exige gigantes para maior estabilidade das mesmas. Necessidade portanto, e não fantasia de artista.

E o gótico? Não procurará traduzir as aspirações, a cultura do povo da época, a sua vida toda ela girando em elevação à volta de Deus? A descoberta do arco em opina permitiu concentrar as cargas em pontos especiais, contrariamente ao que acontecia anteriormente, em que elas eram distribuídas ao longo de toda a parede. Se assim era, porque não colocar pilares nesses pontos? E por que não suprimir quase totalmente as paredes entre pilares se elas deixavam de ser necessárias? E aparecem-nos então aquelas grandes janelas de vitrais coloridos, a encher de cor e misticismo as naves dos templos góticos. Mas outra dificuldade surgiu. As cúpulas, servindo-se das suas nervuras, não descarregavam nos topos dos pilares apenas cargas verticais. Havia cargas horizontais que tenderiam a afastar os pilares como se fossem canas fustigadas pelo vento. Daí o achado dos arco-botantes que dão uma fisionomia tão particular às catedrais góticas. Necessidade portanto, e não fantasia de artista.

E assim sempre, através de todas as épocas.

E se sempre através de todos os tempos a Arquitectura satisfaz a condicionantes de natureza espiritual e técnica, por que haveria de ser diferente no nosso tempo?

Novas condições de vida, novos materiais, impõem novas concepções. E uma Arquitectura verdadeiramente nova, não pode abdicar admitindo uma visão convencional, conservando aparências preconceituais. Tem sim que adaptar os meios aos fins em vista, servir-se de todas as possibilidades que os mesmos oferecem, eliminar tudo o que seja superfluo, inútil, acabar de vez com o «bonitinho» ridículo.

O cimento armado é sem dúvida o material do nosso tempo. O estudo da sua técnica diz-nos que com ele, se conseguem formas até antes irrealizáveis—e isto é novo, isto é do nosso tempo, isto impõe incontestavelmente concepções arquitectónicas diferentes. E se quizer fazer Arquitectura do nosso tempo, honesta, sincera, ela terá que mostrar claramente os seus elementos construtivos, sem os procurar esconder com falsas formas de revestimento, sem é decorativo amaneirado e decadente. Arquitectura de cimento armado apresentando estilo barroco, é falsidade. Arquitectura nua. Nua sem preocupações de efeitos ou de enfeites. Através de todos os tempos, as obras mais pródigas em enfeites, são exactamente aquelas que assinalam o período decadente de cada estilo. Como uma mulher verdadeiramente bela, também a Arquitectura não precisa de se enfeitar para impor a sua beleza. Aquela que não for bela sim, sentirá a necessidade de se enfeitar para encobrir a sua falta de beleza.

Ora este espírito sincero da nossa Arquitectura, é afinal o mesmo espírito honesto da boa Arquitectura de todos os tempos, o mesmo espírito clássico de baixo de formas diferentes.

Infelizmente, nos nossos dias, ainda se realizam obras falsas desonestas—e são maior parte—que graças ao preconceito e à ignorância, encontram admiradores, enquanto que a Arquitectura verdadeiramente representativa do dia de hoje, continua a remar contra a maré para se impor.

Mas sem a menos sombra de dúvida acabará por vencer! Afirma-no-lo categoricamente toda a História da Arte.

Sarrico Picado

BUDAPESTE NOVEMBRO DE 1956

Na cidade nascem as horas
compassadas
relomadas da sombra que a envolve
e feitas tempo.

Tempo para piber de rastros
arquejando a vida que se sofre

Tempo para o teu adeus entre a melralha
para os braços agora prolongados
até junto do cadáver esquecido.

Na cidade nascem e são flores de agonia
as horas a que os homens se perderam.

As horas que se temem na inquietude
dum crepúsculo sangrante de inconstância.

Lisboa, Novembro de 1956

José Carlos Gonzalez

Os linóleos apresentados em «PRISMA» são da autoria do jovem artista Manuel Cavaco Guerreiro

«Loulé... em retrato»

HÀ no nosso concelho, uma grande massa de gente, que é verdadeiramente humilde, boa, compreensiva, respeitadora, educada e que vive do cultivo destas virtudes da alma, hoje tão postergadas.

Mas, como até no mais fino e apurado jardim, nasce um cardo e, se o deixam medrar e reproduzir-se, aquele vai perdendo beleza e acaba por ser magal, receio que, de aqui por alguns anos, aquela boa gente esteja condenada a ser ultrapassada pela violência daqueles que, parecidos com cardos, constantemente cultivam o ódio, a soberba, a inveja, a soberberia, a vaidade e o atropelo dos direitos dos outros.

Porque me vieram estas considerações à mente?

Porque há dias numa longa e extensa bicha chegou uma pessoa que, dizendo uma graça a uma, distribuindo um sorriso amarelo a outra, um baizer de cabeça a uma terceira, foi-se aproximando da pessoa que aviava, sem se lembrar que à sua frente, estava muita gente que, porventura, estaria a fazer mais falta em casa.

Um garoto brincava distraído no caminho que a pessoa trilhava, fóra da bicha e, inadvertidamente, pisou ou tropeçou no pé da mesma pessoa.

E logo ela que ia contra todas as regras do bom senso, do respeito pelos outros, da correcção e do acatamento da sua vez, deu um safanão no miudinho que, por sinal, se encolhia envergonhado e asperamente o increpou com o seguinte anatema: «selvagem! Não sei para que deixam estes estúpidos andar por aqui... a encastrar com as pessoas!»

Do programa das festas do Carnaval faz parte um número de grande sensação: o Rancho Folclórico de Andaluzia, composto de 26 figuras.

Não sabemos, nem perguntámos se se trata de crianças, rapazes ou raparigas, homens ou mulheres. Mas já nos contaram que por algumas casas havia o seu borborinho.

Porque houve quem ouvisse uma conversa, mais ou menos, neste tom:

— Então a Comissão mandou vir 26 espanhóis? — Sim, diz-se isso, mas eu ainda não sei de nada... — Eu quero ver agora a

figura que fazes. Já estou mesmo a ver, que vais andar todo lampeiro, todo tolinho, todo derretido de roda dessas atrevidas!

— Oh! filha! Eu não penso já nessas coisas! Isso é tudo para... «o valente português Soza»!

— Pois sim! Mas nós vamos a ver quantos «portugueses valientes» vão aparecer!

Toma cuidadinho! Eu cá fico de olho alerta.

Ainda a propósito da vinda das espanholas já constou que uns senhores que, gostam de se vestir de espanholas, não estavam dispostos a disfarçar-se porque, como havia, espanholas «ao natural» queriam aproveitar. Mas um do grupo logo acrescentou: — este ano é que é vestirmo-nos, porque elas assim são capazes de passar para o nosso carro e condescender em fazer parte da tripulação e de outra maneira, com tanto peralta de roda, como vão elas lembrar-se de nós?

Reporter X

VENDE-SE

Um grupo moto-bomba Villiers 25 em estado novo. Tratar na Serralharia José Bernardo—Loulé.

«A Voz de Loulé»—Loulé
N.º 107—3-3-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO 2.ª publicação

Pela 2.ª secção de processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores dos conhecidos do executado Artur dos Santos, solteiro, maior, proprietário, actualmente residente no sítio das Águas Frias, freguesia de Alte, desta comarca de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, deluzirem os seus direitos na execução sumária que contra aquele executado move José Viegas Murta.

Loulé, 15 de Fevereiro de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei:

O Juiz de Direito,
a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, em reunião especial de 16 de Fevereiro:

— Tomar conhecimento de um alvitre lançado em 14 do corrente, no «Correio do Sul» de Faro, sobre o concurso aberto pela colectividade para a escolha de música adaptada à letra de um Hino de Sagres oferecida por intermédio do Presidente da Direcção e considerar inoportuna qualquer alteração ao dito concurso, visto o prémio estabelecido ter sido consignado apenas à música daquela letra, cujo autor deseja continuar anónimo na composição que for classificada;

— Solicitar aos periódicos que publicaram a referida letra a correcção das gralhas saídas nos versos. «O que te importa procelas» e «Basta que os efeitos sem par», que devem ler-se: «O que te importam procelas» e «Basta que os feitos sem par», e a substituição do verso: «Brilha o Sol com mais fulgor» por «Rufam asas de Condor».

— Informar que está fixado em 1.000\$00 o «Prémio Libânio Correia» para a melhor composição musical, que for apurada no dito concurso, e alargar até 9 de Abril próximo o prazo para a entrega dos respectivos trabalhos.

Aerodínamo

Vende-se um aerodínamo e um rádio Philips. Em bom estado.

Tratar na Rua de Portugal, 27—Loulé.

VENDE-SE

Uma propriedade, em Quarteira, denominada Almagre Grande, freguesia de Albufeira, limitada ao norte com o Morgado de Quarteira, ao sul com a Ribeira de Quarteira, a Nascente com Manuel da Ponte e ao Poente com os Herdeiros de Sebastião P. Faísca Teixeira.

Dirigir a A. F. Teixeira — Rua Reitor Teixeira Guedes, 47—Faro.

PRÉDIO

Vende-se um prédio grande com casas de habitação, incluindo estabelecimentos de padaria, forno, mercearia e taberna, quintal e cisterna, no sítio de Betunes, junto à Estrada de S. Brás.

Nesta redacção se informa.

Impressões de ARTE

(Continuação da 1.ª página)

última década, evidenciou-se uma grande manifestação de interesse nesta modalidade das belas artes, criando-se núcleos de alto relevo em Itália, França e Inglaterra e estendendo-se a outros países da Europa até à América latina.

Esta exposição que para nós, como já acentuamos, não nos vem trazer novidades integrais; veio oferecer ao público português, oportunidade de apreciar o desenvolvimento técnico que os gravadores cubanos atingiram nesta arte de talhar a madeira, no aspecto artístico.

E' certo que a técnica modernista, em composições de características ingénuas e simples como os gravados de Lesbia Vent e Diaz Gamez, ou os filosóficos como os de Cardenas e Osvaldo Cabrera, são trabalhos que não podem classificar de técnica perfeita e pujante de estilo. Mas, Armando Posse devemos colocar do primeiro plano da modalidade, impondo-se como dos melhores, não só a dentro da Associação de Gravadores Cubanos, como em qualquer parte do universo artístico. As suas figuras, cabeças e paisagens são impregnadas de vida volume e movimento. A sua técnica, embora fugindo ao classissismo de planos cavados, e dando-nos fundos negros abertos de farta composição burilada, mostra-se virtuoso nos detalhes que, por vezes, nos sugere belas páginas ilustradas à pena.

Carmelo Gonzalez, para nós, o segundo na ordem de valorização artística dos trabalhos apresentados, constituindo com Armando Posse o fulcro da exposição, oferece-nos à sensibilidade crítica uma verdadeira satisfação de apreço e gozo artístico. Se a interpretação filosófica de «A PAZ» está plena de concepção, a «Igreja de Paula» e a «Oficina do gravador» são composições de técnica segura e inspiração muito feliz, tanto mais tratando-se de trabalhos arrancados à realidade, como se fossem «pasteis», em que apenas lhes faltam o colorido. A Associação dos Gravadores Cubanos evidencia o mérito dos seus artistas e mercê das relações de intercâmbio cultural que procura estender até ao velho mundo, está senhora do desenvolvimento operado nos diversos meios cultos da especialidade.

E se o êxito desta exposição teve como principal elemento a classe dos trabalhos apresentados, muito valor lhe foi emprestado e, digamos mesmo, o ambiente de elegância e distinção em que decorreu, se deveu ao espírito de cultura, dinamismo e inteligência da organizadora, a ilustre Dama, Senhora Dona Guida Keil.

Lisboa, Fevereiro de 1957.

A. Vieira Neves

† Agradecimento

A Família de Maria das Dões, profundamente grata, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada, e às que de qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

VENDE-SE

O prédio em que está instalada a pensão «Mário», em Quarteira e um outro anexo.

Trata o solicitador encartado nesta comarca, J. Madeira Teixeira.

A propósito de Poesia

(Continuação da 1.ª página)

Poesia só tem significado quando concebida como relação entre objecto e sujeito.

Porém se há impossibilidade de definir o que é por natureza indefinido, nem por isso deixa de ser possível um entendimento mútuo quando falamos nestas cousas. A definição é então substituída por «explicação» e esta será tanto mais perfeita quanto mais simples. Neste caso, o raciocínio orienta-se pelo senso comum.

E' com efeito pelo senso comum que toda a gente compreende que chamamos Poesia a um estado emotivo provocado por causas e circunstâncias várias, existentes quer no mundo exterior quer no indivíduo que o contempla.

O conceito de Poesia resulta, como outros, desta relação entre objecto e sujeito. As formas de expressão artística são realizadas com o propósito de estabelecer esta relação, de modo a que o estado emotivo se transmita do artista para o espectador. Quando tal propósito não é alcançado, a obra de Arte permanece incompreendida. E' certo que ela não é acessível a todos porque o mau gosto foi sempre apanágio da maioria; mas se ficar totalmente incompreendida, não é suficiente para a fazer valer, que o seu criador, sozinho, lhe afirme o valor.

Todas as formas de Arte procuram um Encontro entre o artista e o público. A Pintura, serve-se de linhas e cores para o conseguir; a Escultura, de volumes; a Música, de sons. Mas a Literatura serve-se da expressão verbal — material infinitamente mais rico e que, pela sugestão, é capaz de criar todos os outros. Nenhuma Arte é tão excelentemente dotada para transmitir a Ideia. Esta transmite, como toda a gente compreende, só pode ser feita pela Forma. A Ideia é o fim e a Forma é o meio. Isto implica dizer que, não só a Forma não pode ser posta de lado como deve ainda ser tratada. O verso não é outra coisa senão o resultado dum culto da forma literária. O verso deixa de ser verso se não possuir alguma propriedade que o distinga da prosa. Creio que isto é evidente. Não é por se escrever em linhas curtas e colocar essas linhas umas por debaixo das outras que se pode afirmar que estão ali versos.

Em que consiste essa — ou em que consistem essas propriedades? Se foi possível abandonar as regras clássicas da Metrificação e continuar contudo a escrever em verso, é evidente que essas propriedades não estavam nas regras clássicas da Metrificação. Não podiam estar, com efeito. As regras da Metrificação não interessam; como regras não passam de puro artifício. O que interessa são os elementos eternos de Beleza que essas regras procuram produzir e evidenciar: o Equilíbrio,

a Proporção, o Ritmo, a Simplicidade. O verdadeiro poeta conseguiu isto com novas formas de expressão. Essas formas são livres mas são harmoniosas; mas, como são livres, dão a muitos a ilusão de serem acessíveis a toda a gente. E' isto que dá lugar à mistificação, porque a insubmissão é uma atitude negativa, fácil de adoptar; porém, ela só pode ter mérito quando substitua o que está estabelecido por alguma cousa nova cuja realidade e valor possam ser reconhecidos. Assim, o verso cuja essência reside na sua capacidade de sintetizar, não pode deixar de ser ainda um resultado do culto da Forma; e como tal, deve possuir riqueza verbal, poder sugestivo, originalidade dos conceitos que se exprimem e originalidade na maneira de os exprimir. Quem lê procura encontrar na leitura a sua própria experiência — o seu caso. E é neste Encontro que, como já escrevi, está o atractivo e portanto o valor da obra literária. E' este Encontro que descreve as nossas próprias emoções e sentimentos, exprimindo-os na maneira exacta com que os sentimos mas que não sabemos ou nunca nos ocorreu exprimi-los; é nele que encontramos uma satisfação para as nossas ansiedades, uma resposta às nossas dúvidas; é nele que encontramos o Romance, pela evasão do quotidiano, da rotina, do artifício.

Se aquele que escreve não estiver em si estas dádavas que nos permitem sair da vulgaridade e banalidade a que a vida rotineira nos força, ou se, contendo-as, as não souber oferecer aos seus leitores, a sua poesia ficará sem significado. E' certo que a Técnica é cousa secundária que se aprende e o essencial é ter nascido com a chama. Creio que foi Victor Hugo que respondeu assim a uma pergunta que lhe dirigiram: — «Não é difícil escrever belos poemas; ou é muito fácil ou é impossível.»

A Técnica é cousa secundária; no entanto, há que aprendê-la e adquiri-la. Há que cultivar a Forma de modo a que ela se conserve igualmente afastada dos seus dois extremos: a Vulgaridade e o Preciosismo.

Meditem nisto os jovens que tem realmente a chama consigo. Não se deixem iludir pela cómoda renúncia de todas as Regras, aproveitem o dom natural com que nasceram e trabalhem. Trabalhem sem pressa. As verdades do senso comum são sempre grandes e eternas verdades, como esta, por exemplo: — «Roma e Pavia não se fizeram num dia».

A. Santa Clara

PORTAS USADAS

Vendem-se portas usadas, de interiores e exteriores, em estado novo.

Tratar com José Rodrigues Catarino — Ameixial.

Aliança Eléctrica do Sul

S. A. R. L.

Sede: OLHÃO

Concessionária da distribuição de energia eléctrica em baixa tensão, nos concelhos de:

Faro, Olhão, Lagoa, Serpa, Ferreira do Alentejo, Aljustrel e Ourique

Concessionária do Estado de distribuição em alta tensão no Sotavento do Algarve (Decreto-Lei n.º 30.351)

Localidades servidas:

Faro, Olhão, Lagoa, S. Braz de Alportel, Tavira, Loulé, Serpa, Aljustrel, Castro Verde, Ourique, Ferreira do Alentejo e 25 outras povoações do Algarve e Baixo Alentejo

Centrais eléctricas em:

OLHÃO

FARO

SERPA

Auto - Eléctrica Louletana

Tudo para electricidade e rádios de automóveis

Reparações de instalações eléctricas em todos os veículos motorizados

Bobinagem de dínamos, feita em 6 horas, com 6 meses de garantia

Motores industriais

Para reparações em quaisquer motores eléctricos, será do interesse de V. Ex.ª não deixar de consultar os preços da

Auto - Eléctrica Louletana

Rua Eng. Duarte Pacheco, 117 Telef. 239 LOULÉ

Chamadas a qualquer hora à residência:

RUA GONÇALVES ZARCO, 6

que é depositária da Verdade que é Única e Eterna. Deverá manter aqui o mínimo de harmonia, grandeza e calma comum à arte em todos os tempos e em todos os lugares, com ambiente propício à oração, à evasão do espírito para o alto, à atracção da alma para o lugar em que esteja Deus ou o seu símbolo e por isso... não o gostamos dos ante-projectos.

Vê-se que, com esta obra se dá o mesmo que com o monumento ao Infante de Sagres—a preocupação do absolutamente inédito, do absolutamente novo, do absolutamente contra o comum, que é revolucionário.

Ora quando uma obra de arte se destina não a fazer arte pela arte, mas a falar às almas, tem de ter um mínimo de transigência com o gosto comum.

Todas as escolas ou estilos definem uma época, mas em todas há quando verdadeiras escolas e estilos—um mínimo de equilíbrio e de harmonia que lhes permite agradar ao gosto e ao senso artístico de todas as épocas. Se assim não for, será uma expressão pessoal que passa com o seu autor.

Se um cinema pode ser feito de forma a servir de moldura às imagens que diante de nós passam a chorar, a cantar e a dançar o rock and roll, um santuário tem de nos dar ambiente de oração e elevação da alma que se praticam da mesma forma e com o mesmo estado de espírito que há vinte séculos e que daqui a outros tantos.

O modernismo em arte religiosa, há de limitar-se ao acidental e respeitar o essencial, pelo menos o bastante para que a arte continue a falar à alma do comum dos fiéis.

Cremos que foi com este entendimento a presidir aos seus trabalhos que a Comissão, depois de laboriosa apreciação individual e de larga troca de impressões, decidiu não atribuir a nenhum dos trabalhos o prémio que garantiria a execução.

Podemos informar os nossos leitores de que, brevemente, será aberto novo concurso e esperamos que os concorrentes, já melhor elucidados pelos resultados deste, procurem satisfazer convenientemente as exigências da Arte Religiosa.

Cartaz da Semana Cine-Teatro Louletano

Filmes a exhibir durante esta semana:

- Dia 3 — Estão a Topar?
- Dia 4 — Paris, Palace hotel.
- Dia 5 — Et'roo Masculino.
- Dia 7 — Anjo Branco.
- Dia 10 — Sublime Exibição.
- Dia 11 — Massacre Traição.
- Dia 14 — Juventude de Roma.

Algarvios condecorados com a Medalha de Mérito Militar

POR portaria de 28 de Dezembro de 1956, publicada na Ordem do Exército n.º 1, 2.ª série, de 1 do corrente, foram condecorados com a medalha de mérito militar de 2.ª classe, por, segundo parecer do Conselho Superior de Disciplina do Exército, se encontrarem nas condições dos artigos 26.º e 29.º do Regulamento da Medalha Militar, os Majores, do extinto quadro especial de artilharia, Mateus Martins Moreno Júnior e de infantaria, Manuel Pereira Espadinha Milreu.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Março:

Em 1, as meninas Isabel Maria Fogaça da Costa e Maria dos Prazeres Guerreiro Bernardo.

Em 2, o sr. João de Sousa Nascimento.

Em 3, a menina Maria Hermitério Barros Pinguinha.

Em 4, o Rev. sr. Padre Francisco José Baptista.

Em 5, os srs. Teófilo Pinto Mazaço e José da Luz Barros e a menina Maria Júlia Nunes Correia.

Em 6, o menino José Neves Lourenço e a menina Arménia Felicidade Calço Nunes, residente na Venezuela.

Em 8, as meninas Maria de Deus do Nascimento Pontes e Nidia Maria de Sousa Pires.

Em 10, o menino Orlando de Lima Faísca.

Em 12, a sr.ª D. Miquete Vilhena Barão Carapinha, a menina Maria Filomena Samorando Pina e o sr. Joaquim de Sousa Nunes, residente na Venezuela.

Partidas e chegadas

— Por ter sido colocado na Agência do Banco de Portugal em Faro, fixou residência nesta cidade o nosso estimado assinante em Vila Real de Santo António sr. Octávio Rafael Pinto.

— Também foi transferido para a agência de Faro do Banco de Portugal, o nosso prezado assinante sr. Emiliano Laginha Ramos, que presta serviço em Estremoz.

Casamentos

— Na igreja da Boa-Hora em Lisboa, realizou-se no passado dia 20 de Fevereiro o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Amélia Cativo Leonardo, professora em Querença, filha da sr.ª D. Amélia Rosa Cativo Leonardo e do sr. Domingos Pereira do Nascimento Leonardo, industrial em Olhão, com o sr. José António Parreira Ferreira Dias, proprietário, filho da sr.ª D. Ema da Conceição Parreira Ferreira Dias e do sr. Caetano Ferreira Dias, inspector da C. P..

Apadrinharam o acto por parte da noiva a sr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca e o sr. Domingos Xavier Leonardo, irmãos da noiva e por parte do noivo seus pais.

Após a cerimónia religiosa, foi servido um fino «copo d'água» no restaurante «Castanheira de Moura».

— Na Igreja do Barranco do Velho, realizou-se no passado dia 20 de Fevereiro, o enlace matrimonial da sr.ª D. Aline dos Reis Mamede, gentil filha da sr.ª D. Emilia dos Reis Mamede e do sr. José Vaz Mamede, residentes em Ourique, com o sr. Jerónimo Arlêcio dos Reis Castanho, hábil industrial garagista nesta vila, filho da sr.ª D. Julieta da Conceição Reis Castanho e do sr. João Maria Castanho, residentes nesta vila.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a irmã do noivo sr.ª D. Maria Sílvia dos Reis Castanho Laginha e seu marido sr. João de Deus Laginha e por parte do noivo o sr. Manuel Laginha da Conceição e a sr.ª D. Orendina Coelho da Conceição.

Celebrou este acto o Reverendo P.º José Azevedo, Pároco da Freguesia de Ourique.

Após a cerimónia religiosa foi servido um fino «copo d'água» na casa dos pais do noivo.

Falecimentos

— Em casa de sua residência nas Sarnadas (Alte) faleceu no passado dia 20, o sr. Manuel dos Santos, de 84 anos de idade, proprietário.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Gertrudes e era pai dos srs. Francisco, Joaquim Santos e Manuel dos Santos, enfermeiro em Boliqueime, sogro das sr.ªs D. Maria das Dores Gonçalves e D. Palmira Guerreiro.

— Com 86 anos de idade faleceu nesta vila, no dia 10 do passado mês, a sr.ª D. Maria das Dores, viúva do sr. Francisco Gonçalves Contreiras. Era mãe do sr. Sebastião Gonçalves Contreiras e da sr.ª D. Maria da Boa Hora Contreiras, sogra do sr. Artur Cirilo Fernandes, e avó da menina Deolinda dos Santos Contreiras. A's famílias enlutadas os nossos sentidos pesames.



AGRADECIMENTO

A todas as pessoas que acompanharam D. Rosa de Brito Sancho e Brito, à sua última morada, ou que, de qualquer modo, se interessaram durante a sua doença, agradece, reconhecida, a Família.

Apropósitos

(Continuação da 1.ª página)

todos, nesta santa terra de Portugal, uma espécie de loucos que ainda acreditamos nos valores estéticos, tal como o outro que julgava poder viver o seu famoso sonho de endireitar o mundo, num tempo em que a cavalaria andante se desacreditava já, ou melhor, em que os homens já não acreditavam mais no puro ideal da cavalaria andante.

Esperemos e desejemos que, nesta nova encarnação, sob aspecto de periódico das letras e das artes, o *Dom Quixote*, renascido em Evora, se já bem sucedido em sua aventura. A aventura literária que, por tradição, é, entre nós, mais arriscada que outra qualquer; mas vale a pena correr o risco.

De mais a mais, tenho a impressão de que alguma coisa se tem mudado neste aspecto da nossa cultura.

Parece que volta a crescer o interesse pela literatura. Embora os heróis e os ídolos do nosso tempo continuem a ser os rapazes da bola e as vedetas esculturais do cinema, certos indícios e sinais indicam que a saturação está a chegar.

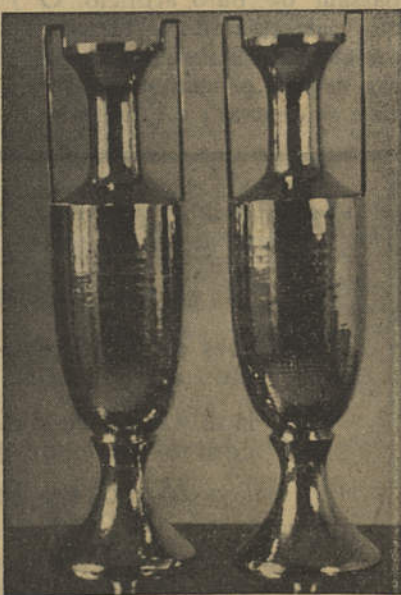
Os jornais diários não dispõem já as suas páginas ou suplementos literários. Os semanários, como esta nossa «Voz de Loulé», aguentam com interesse esforço cultural idêntico. E, para remate, aparece, na Capital, outro mensário das letras e da cultura, com o nome de *Europa*. Isto não esquecendo o suplemento *Diálogo* do «Diário Ilustrado» todos os sábados dedica às letras e às artes nada menos de oito páginas de excelente nível. E mais: acabo de ler no último suplemento literário de «O Comércio do Porto» que o jornal vai editar, em livro, os números especiais das suas mercedemente famosas páginas de cultura.

E' verdade que não temos abundância de revistas literárias esta espécie de competição de suplementos e páginas de literatura em que se empenham diários e semanários é sinal de bom tempo, ou pelo menos de melhoria de tempo, no domínio das letras e das artes.

Tudo me parece, pois, que o *Dom Quixote* vem em boa altura. Saudemo-lo com alegria e desejemos-lhe estimulantes e vitoriosas aventuras. Tanto mais que neste número 3 o Algarve não é esquecido.

Joaquim Magalhães

Loulé, esteve presente



Fotografia das artísticas jarras que o conhecido industrial de Loulé, sr. José de Brito Barracha, ofereceu a Sua Magestade a Rainha Elisabeth II da Grã-Bretanha e que têm 65 cm. de altura

Ligações

Lisboa - Algarve

(Continuação da 1.ª página)

ve para hoje e amanhã, numa automotora que sai de Lisboa cerca das 7 horas com chegada a Faro perto das 12 e regresso com partida prevista para 18 30 e chegada para as 23 30.

Com partidas diárias uma hora mais tarde, cremos que as ligações entre o Algarve e Lisboa seria inteiramente satisfatórias para nós e proveitosas para a C. P.

Até apeteceria ir a Lisboa. Ir e vir no mesmo dia!

Oxalá a C. P. queira experimentar, mas que não desista logo às primeiras.

Há 30 anos a carreira diária Loulé Faro, nas saudosas camionetas do Casa-Nova, depois da Transportadora Algarvia e do amigo Gonçalves andavam a meia lotação e hoje as 6 ou 7 carreiras da E.V.A. andam à pinha!

Assim há-de ser com os rápidos diários verdadeiramente rápidos.

No dia em que vier a 1.ª automotora já não meramente experimental estaremos os algarvios de parabens e de forma especial o nosso querido amigo Neves Franco que tem sido, verdadeiramente um persistente martelo... nas bigornas da C. P.

A ele e à Casa do Algarve se ficará devendo esse grande melhoramento, a mais ninguém. E' preciso que o Algarve o reconheça francamente, sem reticências nem regateios.

J. R.

P. S. — Já depois de composto este artigo onde ainda aflora a dúvida, tão acostumados estamos a negações, recebemos entusiástica carta do nosso prezado amigo e dinâmico algarvio Hermenegildo Neves Franco a informar que o estabelecimento das 2 carreiras diárias que, preconizamos vai ser um facto a partir de 31 do corrente (véspera de 1 de Abril...), o que a imprensa diária já confirmou.

Como dissemos este importantíssimo melhoramento fica a dever-se à acção pessoal de Neves Franco, activo presidente da comissão de Turismo e Propaganda da «Casa do Algarve» e ao prestígio que a nossa casa regional conquistou em Lisboa. A própria C. P. o reconhece convidando aquele nosso amigo para a viagem experimental.

Carnaval de Loulé

Serviço combinado

Loulé e Loulé - Estação

HORÁRIO

Partidas de Loulé (Gare) —
8.20 - 9.00 - 10.20 11.00 - 13.00
13.45 - 14.00 - 14.45 15.20 -
16.00 - 16.55 - 19.20 21.20.

Partidas de Loulé — 7.50 -
8.25 - 9.50 - 10.35 - 12.30 -
12.50 - 16.20 - 17.30 18.10 -
18.30 - 18.50 - 19.35 - 20.50.

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 - LOULÉ

INGLÊS

Pessoa diplomada por Cambrigde dá explicações.

Informa Telefone 244 — LOULÉ.

Subscrição para o Carnaval de Loulé

Transporte	8.297\$00
Joaquim Batista Gago — Conceição de Faro	100\$00
Dr. José António Madeira — Lisboa	100\$00
Joaquim Terroso — »	50\$00
João António Carneiro — Messines	50\$00
João António Martins — Lisboa	50\$00
Manuel Mentino da Costa Mendonça — Torrão	500\$00
Verdiana Malte Reis — Montemor Novo	50\$00
António Mendes Pinto — Palhagueira	500\$00
Major José Pontes Bitá — Almodovar	100\$00
Zeferino Santos Carapeto — »	50\$00
João Mascarenhas Mendonça — Moncarapacho	100\$00
Dr. João Leote — Silves	500\$00
Eng. Analide da Silva Guerreiro — Funchal	50\$00
Eng. Mário Costa — Lisboa	50\$00
António Costa — Boliqueime	50\$00
Manuel Luzia — Lisboa	50\$00
Carlos Ramos — »	50\$00
Anónimo	400\$00
A Transportar	11.097\$00



A excelente «Orquestra Bass» que estará em Loulé no Carnaval a colaborar nos 3 bailes organizados pela Comissão das Festas, com animadas variedades.

Impressões de ARTE

NO «Pórtico», encerrou-se há pouco uma exposição de trabalhos dos gravadores cubanos, organizada pela illustre Dama do meio culto lisboeta D. Guida Keil.

E' certo que temos visto diversas exposições neste recinto de arte moderna, da rua da Misericórdia, mas precisamente porque quase na totalidade se nos têm deparado coisas modernistas, raramente temos feito referência às exposições aqui organizadas.

Porém, esta exposição de gravados em madeira dos artistas da novel República Americana, se destaca positivamente do ambiente vulgar, não podemos deixar de escrever as nossas impressões sobre os trabalhos expostos.

Antecipadamente já contávamos com um êxito neste certame, porque dada a circunstância de frequentarmos por vezes o requintado ambiente de arte da illustre vice-presidente da Academia Portuguesa de Ex Libris, D. Guida Keil, das salas, onde já se nos tinha oferecido a oportunidade de apreciar alguns gravados dos gravadores cubanos, principalmente de Carmelo Gonzalez, cuja técnica nos satisfaz inteiramente.

A gravura de madeira muito apreciada nos séculos XVII até meados de XIX, em que se distinguiram gravadores como Durer, chegou a rivalizar com a gravura de metal, decaiu imenso nos princípios do presente século. Porém, na

(Continuação na 3.ª página)

Se deseja ler

Vá ao

Centro Comercial de Representações e Informações

na Rua da Carreira, n.º 5, onde pode alugar livros de preços acessíveis, em todos os géneros de literatura.

O CARNAVAL de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

acontecimento tão prestigioso para o bom nome de Loulé. Ninguém, presentes e ausentes, filhos naturais ou adoptivos, amantes ou simpatizantes desta nobre Vila, deixará de prestar o seu contributo para o êxito grandioso que esta festa exige. Todos os esforços e auxílios, por mais pequenos e insignificantes que possam parecer, serão sempre bem-vindos e dignos de enaltecer e agradecer. O esforço tem de ser total. Não há lugar para dissensões, amos ou retaliações, porque a festa é de todos e para todos.

Que a festa exceda a esplendor e a alegria dos anos anteriores e culmine com receita igual ou superior à do ano passado, são os nossos votos, que são também o de todos os louletanos.

A C. P., à semelhança do ano transacto, organizou hoje uma automotora especial de Lisboa a Loulé, com preços de ida e volta reduzidíssimos. Consta que se esgotou rapidamente a lotação. Pena é que se não efectue outra na terça-feira.

No desejo de evitar a grande falha notada em anos anteriores devido à insuficiência de restaurantes, a Comissão diligenciou o funcionamento de dois restaurantes durante os 3 dias de Carnaval, os quais ficaram a cargo dos srs. Isidoro Martins dos Santos e José Coelho, proprietário da «Toca do Coelho», de Quarteira.

Panelas de pressão 'Austria Emil'

em aço esmaltado Distribuidores

União de Mercadorias do Algarve, Lda. LOULÉ